

RELATO DE EXPERIÊNCIA: PRÁTICAS DE ENSINO NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NAS TURMAS DO 6º E 7º ANO.

Beatriz Dos Santos Batista¹
MyllaChristtie Montenegro Bezerra²
Me. Marinalva Vilar Bezerra de
Carvalho³

Orientadora do Trabalho
Dra. Patricia Cristina de Aragão⁴

RESUMO

O presente trabalho busca trazer uma reflexão sobre a formação desse personagem tão importante para a formação de qualquer indivíduo: O Professor. Pretende verificar a viabilidade do Programa de Residência Pedagógica, investigando as contribuições do modelo do Programa de Residência Pedagógica como uma possibilidade para a formação dos professores. O trabalho tem então como averiguar se há um distanciamento entre a teoria e a prática na formação docente, investigar a viabilidade da residência pedagógica na formação inicial de professores e problematizar a importância de programas que coloque o futuro professor de frente com sua realidade que é a sala de aula. A formação inicial de professores começa a ser discutida no Brasil a partir da implantação das Escolas de Primeiras Letras em 1827 e aqui se acreditava que o professor não podia dominar apenas o que ensinaria. Os participantes desta pesquisa são os preceptores atuantes na residência pedagógica de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e os residentes.

Palavras-chaves: Residência Pedagógica, Experiência, Ensino de História.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar como o Programa Residência Pedagógica tem contribuído para a nossa formação docente, no subprojeto de História, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), cujas ações pedagógicas estão acontecendo na escola Municipal Lafayette Cavalcante, no município de Campina Grande- PB.

Um dos diferenciais da Residência Pedagógica é a estratégia de integração entre escolas, universidades e secretarias de educação tanto municipais quanto estaduais. A intenção do MEC (Ministério da Educação) é estimular a elaboração de um plano conjunto entre as IES

¹Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); E-mail: beatrizbatistas2@outlook.com

²Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); E-mail: mmyllac@gmail.com

³Prefeitura Municipal de Campina Grande (PMCG); E-mail: marinalvabvcarvalho@gmail.com

⁴Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); E-mail: patriciacaa@yahoo.com

(Institutos de Ensino Superior) e os colégios estaduais e municipais, com o objetivo de aproximar a formação acadêmica das reais demandas do ensino público. Essa, inclusive, era uma das principais queixas dos gestores escolares em relação ao PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), pois os discentes universitários não estavam diretamente ligados com o ensino, serviam mais como um apoio ao professor titular.

Um ponto que é importante frisar é o caráter de imersão proposto pelo Programa de Residência, que objetiva a aprendizagem diária dos residentes, colocando em prática o que é aprendido pelas universidades, podendo assim aproximar a teoria da prática, distinguindo-se do PIBID, pois na Residência, os discentes universitários estão em contato direto com a prática de como serem professores.

Falar da importância do Programa de Residência Pedagógica (PRP) para o processo de ensino e aprendizagem é falar de um programa cujo objetivo principal é aperfeiçoar e fortalecer o desenvolvimento dos discentes universitários no campo da prática, permitindo assim aos licenciados na segunda parte dos seus cursos a saberem exercitar de forma ativa a relação entre a teoria e a prática através de um processo investigativo que permite construir um conhecimento sobre a área pela qual vão atuar posteriormente. Durante a nossa interação com o programa na escola, vimos que este é fundamental para o melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Vale frisar que essas experiências adquiridas proporcionam cada vez mais a facilidade de lidar com as dificuldades no processo de formação e o desafio de estar nesse meio de aprendizado.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Os materiais utilizados para a nossa formação, em um primeiro momento foram os minicursos e palestras que foram disponibilizados para os residentes de história. Em seguida, houve um primeiro momento de observação em como as aulas eram ministradas pela nossa preceptora Marinalva Vilar Bezerra de Carvalho, assim podemos observar como era a sala de aula, os alunos e como a preceptora desenvolvia sua aula.

Em um segundo momento, começamos a gerir as aulas, sempre com a presença da preceptora, que mostrava métodos de como poderíamos fazer para que a aula fosse mais dinâmica, ou em que pontos estávamos errando durante a aula.

O nosso principal instrumento para ensinar foi o livro didático de história, mas também

se utilizou música, vídeo, desenho que foram desenvolvidos por alunos e questionários. Ao longo da nossa formação dentro da Residência Pedagógica, também foi desenvolvido com a preceptora o projeto que aborda a cultura afro-brasileira e indígena no espaço escolar.

DESENVOLVIMENTO

Larrosa (2016) aponta uma importante diferenciação entre experiência e informação, quando afirma que a informação não garante a experiência. Segundo o autor, está tem sido cada vez mais rara por excesso de opinião, característica marcante da sociedade atual, que exige que todos tenham opiniões, a despeito das experiências. Além disso, destaca que também o excesso de trabalho, assim como a velocidade e a obsessão pela novidade que caracterizam o mundo moderno acabam por impedir uma relação significativa entre os acontecimentos. Ainda de acordo com Larrosa (2016) o sujeito da experiência deve ser definido por sua receptividade, por sua abertura, por sua disponibilidade, sendo que a experiência promove formação e transformação.

Dessa forma, somente o sujeito da experiência está aberto a sua própria transformação. Em última instância, o autor defende que o saber da experiência resulta da relação entre o conhecimento e a vida humana, porém, considerando que essa relação não consistirá na simples apropriação do conhecimento a ser utilizado na vida, mas sim como uma elaboração que faz ou não sentido para quem passa pela experiência. É por essa razão que duas pessoas que vivam o mesmo acontecimento não terão a mesma experiência, uma vez que ela é subjetiva, individual, impossível de ser repetida (LARROSA, 2016, p. 12).

Assim, um dos aspectos mais complexos da formação de professores parece ser proporcionar a eles uma formação de experiências por meio das quais eles possam integrar seus conhecimentos, articulando-os na prática docente. Dessa forma, o que se pretende, não é apenas propiciar um espaço para um simples relato das experiências, mas sim para uma reflexão da prática, a possibilidade de reviver as experiências do campo de estágio em outro âmbito. Quando os alunos relatam na supervisão o que experimentaram na prática, têm a oportunidade de refletir, analisar e elaborar o que se passou.

Manter-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino e desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes são alguns dos principais desafios da profissão de educador. Concluir o Magistério ou a licenciatura é apenas uma das etapas do longo processo de capacitação que não pode ser interrompido enquanto houver jovens querendo aprender. Quem defende isso é um dos maiores especialistas mundiais em formação de professores, o

educador Antonio Nóvoa.

NÓVOA é historiador da Educação, é um dos intelectuais de maior circulação internacional no debate pedagógico atual. Ele pertence a uma geração que concentra atenções em aspectos intra-escolares, como currículos e competências, formação inicial e continuada e processos de aprendizagem. Segundo Nóvoa, a formação de professores esteve próxima do universo dos docentes, mas, hoje, grande parte dos professores das universidades, que formam os futuros professores, não conhece a realidade da escola. Aconteceram esses três afastamentos. Quando políticos falam de escolas, mais se distanciam delas. Quanto mais discursos, mais distantes ficam.

O melhor lugar para aprender a lecionar melhor é a própria escola. A produção de práticas educativas eficazes só surge de uma reflexão da experiência pessoal partilhada entre os colegas. A bagagem teórica terá pouca utilidade, se você não fizer uma reflexão global sobre sua vida. Como aluno e como profissional.

A formação dos professores é uma das principais responsáveis pelos problemas da educação. Embora tenha havido uma verdadeira revolução nesse campo nos últimos vinte anos, a formação ainda deixa muito a desejar. Existe uma certa incapacidade para colocar em prática concepções e modelos inovadores. As instituições ficam fechadas em si mesmas, ora por um academicismo excessivo ora por um empirismo tradicional. Ambos os desvios são criticáveis.

A formação é um ciclo que abrange a experiência do docente como aluno (educação de base), como aluno-mestre (graduação), como estagiário (práticas de supervisão), como iniciante (nos primeiros anos da profissão) e como titular (formação continuada). Esses momentos só serão formadores se forem objeto de um esforço de reflexão permanente.

A preocupação com a pessoa do professor é central na reflexão educacional e pedagógica. Sabemos que a formação depende do trabalho de cada um. Sabemos também que mais importante do que formar é formar-se; que todo o conhecimento é autoconhecimento e que toda a formação é autoformação. Por isso, a prática pedagógica inclui o indivíduo, com suas singularidades e afetos.

Paulo Freire (1999) escreveu que a formação é um fazer permanente que se refaz constantemente na ação. A formação é algo que pertence ao próprio sujeito e se inscreve num processo de ser (nossas vidas e experiências, nosso passado) e num processo de vir a ser (nossos projetos, nossa idéia de futuro). Paulo Freire (1999) explica-nos que ela nunca se dá por mera acumulação. É uma conquista feita com muitas ajudas: dos mestres, dos livros, das aulas, dos computadores. Mas depende sempre de um trabalho pessoal. Ninguém forma ninguém. Cada um

forma-se a si próprio. Se queremos renovar a profissão e as estratégias de formação temos de dar visibilidade às práticas. Isso começa no período de estágio e continua por toda a vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreender a dinâmica escolar é o ponto de maior relevância para nós, que ainda não tínhamos tido a oportunidade de sermos diretamente professoras de uma escola – quer fosse da rede particular ou da rede pública. Assim, podemos aprender o dia a dia de uma escola, os conflitos e as questões pelas quais iremos passar na nossa profissão que é tão desafiadora. Lidar com os discentes da rede básica foi e continua sendo um desafio para nós, assim como a melhor forma para podermos dar aula, que não seja somente tradicional e nem interdisciplinar demais, mas que faça com que chamemos a atenção dos nossos alunos e para que eles possam aprender.

As dificuldades para nós foram inúmeras, principalmente, por causa das séries, que além dos nossos alunos terem saído recentemente do ensino fundamental I, tivemos que dinamizar nossas aulas, e também pela quantidade de alunos que nossas salas possuíam no início do ano, no decorrer desse ano, alguns foram saindo ou pediram transferência, mas, mesmo assim, os hormônios dos nossos alunos estão a “todo vapor”. Tivemos que compreender isto e nós adequar as necessidades deles.

Sabemos que nem sempre acertamos nos nossos métodos de dar aula, que falhamos em algum momento até pela nossa inexperiência. Porém, buscamos fazer o nosso melhor no processo de ensino e acreditamos que a Residência Pedagógica contribuiu tanto para nossa formação como para os alunos e a escola o ganho aconteceu de forma coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além de ser um Projeto do Governo Federal, a Residência Pedagógica, subprojeto História é também uma forma de fazer com que repensem o nosso ofício, não de historiadoras, mas de professoras. Repensem a nossa prática pedagógica dentro de sala de aula, a nossa atuação e a forma para melhorá-la. O professor não é só um transmissor de conhecimento, alguém que sabe tudo, e que só tem a transmitir – acabamos aprendendo também coisas que não sabíamos - mas acaba sendo também um amigo, um psicólogo, alguém que busca ajudar de uma maneira ou de outra para que o nosso aluno possa melhorar, não só na nossa matéria de ensino, mas também na vida, para que possa lidar e resolver seus problemas cotidianos. Repensamos não só a nossa prática, mas também o nosso ofício e se realmente é ele que queremos seguir.

O projeto nós faz pensar se o caminho que estamos seguindo é o que de fato queremos para nós, para o nosso futuro como profissionais. Porque estamos vivendo e lidando com a realidade da educação básica, no nosso caso do ensino fundamental II da rede municipal de Campina Grande – PB. A realidade da escola acaba sendo diferente daquela que idealizávamos enquanto discentes universitárias, os problemas e os obstáculos vão surgindo e enquanto professoras vamos tendo que resolver, desde um aluno que não se interessa por nossa matéria até aquele aluno bagunceiro, que busca chamar nossa atenção. E vamos tendo que procurar meios de interagir com esses alunos, buscando meios para ter um melhor diálogo.

O projeto acaba sendo desafiador para nós que estamos em conclusão do curso de história e que não tínhamos tido o acesso a estarmos dentro de sala de aula dando de fato aula, por mais que já tenhamos participado de outros projetos, como o antigo PIBID, esse novo projeto veio para engrandecer a nossa formação docente, para melhorar o nosso ofício enquanto professoras e para repensarmos o nosso ofício, não como algo perfeito, mas como algo que está em constante mudança e aperfeiçoamento. Pois o que deu “certo” em uma sala, pode não dar em outra. Enquanto alguns alunos preferem uma aula mais interdisciplinar, com músicas, charges, imagens, outros preferem uma aula mais tradicional, com o livro didático e copiando no quadro, se não for assim, não é aula para eles. Cabe a nós, professoras, percebermos isso e tentarmos-nos nós adequar aos nossos alunos.

Quando paramos para pensar isso, é quando percebemos que a nossa função é complexa e variada. E que temos que está sempre nós aperfeiçoando e melhorando para atender nosso público, que são os nossos alunos.

REFERÊNCIAS

LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. Os métodos de Ensino. In: Didática: velhos e novos temas. Goiânia: Edição do autor, 2002. pp.149-176.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: ____ (Org.). Os Professores e a sua Formação. Lisboa: Nova Enciclopédia, Publicações Dom Quixote, 1995.